

MULHERES REGENTES EM BANDAS DE MÚSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DE SANTA CATARINA

WOMEN CONDUCTORS IN BRASS BANDS: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE CONTEXT OF SANTA CATARINA

Bianca Guerra Bioni¹

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Regina Finck Schambeck²

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

RESUMO

O texto se propõe a discutir os desafios e possibilidades de atuação de cinco mulheres regentes que atuam em bandas de música no contexto de Santa Catarina. A pesquisa seguiu os princípios da abordagem qualitativa, com coleta de dados mediante a utilização de questionário de sondagem inicial e entrevista semiestruturada. Foram selecionadas quatro regentes que atuam em bandas de música vinculadas ao Programa de Bandas e Fanfarras e uma regente de banda de música que atua em contexto não educacional. Foi possível observar que ainda existe no estado de Santa Catarina uma baixa representação de mulheres atuando como regentes em bandas de música. As participantes da pesquisa reconhecem que a presença de mulheres como instrumentistas nesses agrupamentos pode contribuir para ampliar o número de mulheres regendo nesse contexto. Para tanto, mencionam a importância da formação de uma rede de apoio entre mulheres, o apoio familiar, a necessidade de cursos de formação continuada e, principalmente, a necessidade de fóruns e debates sobre regência em bandas de música direcionados às mulheres, de modo a ajudar a construir estratégias de superação de dificuldades e do preconceito que ainda se apresenta quando é uma mulher que está à frente de uma banda de música.

Palavras-chave: Banda de Música; Mulher Regente; Questões de gênero; Representação feminina.

ABSTRACT

The text discusses the challenges and possibilities for five women conductors who work in brass bands in the context of Santa Catarina. The research followed the principles of a qualitative approach, collecting data using an initial survey and semi-structured interviews. Four conductors were selected who work in brass bands linked to Programa de Bandas e Fanfarras, and one conductor of brass bands who works in a non-educational context. It was possible to observe that there is still a low representation of women conducting brass bands in state of Santa Catarina. The research participants recognize that the presence of women as instrumentalists in these ensembles could help increase the number of women conducting in this context. To this end, they mention the importance of forming a support network among women, family support, the need for continuing

¹ Mestre em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, SC, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Madre Benvenuta, 1907, Itacorubi, Florianópolis, SC, Brasil, CEP: 88035-901. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9399-213X> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3802190387808427> .E-mail: bibioni_gb@hotmail.com.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora voluntária da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Madre Benvenuta, 1907, Itacorubi, Florianópolis, SC, Brasil, CEP: 88035-901. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3479-1846> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3785236167176646> .E-mail: regina.finck@udesc.br.

education courses and, above all, the need for forums and debates on conducting in brass bands aimed at women, in order to help build strategies for overcoming difficulties and the prejudice that still arises when a woman is in charge of a brass band.

Keywords: Brass bands; Woman conductor; Gender issues; Feminine representation.

RESUMEN

El texto se propone a discutir los desafíos y posibilidades de actuación de cinco mujeres directoras que actúan en bandas de música en el contexto de Santa Catarina. La investigación siguió los principios de un enfoque cualitativo, con la recolección de datos mediante la utilización de cuestionario inicial y entrevista semiestructurada. Fueron seleccionadas cuatro directoras que actúan en bandas musicales vinculadas al Programa de Bandas e Fanfarras y una que actúa en un contexto no educativo. Se pudo observar que todavía hay en el estado Santa Catarina una baja representación de mujeres actuando como directoras en bandas de música. Las participantes de la investigación reconocen que la presencia de mujeres como instrumentistas en estos conjuntos puede contribuir para aumentar el número de mujeres que dirigen en este contexto. Para eso, mencionan la importancia de la formación de una red de apoyo entre mujeres, el apoyo familiar, la necesidad de cursos de formación continua y, principalmente, la necesidad de foros y debates sobre la dirección de bandas de música dirigido a las mujeres, con la finalidad de ayudar a construir estrategias para superar las dificultades y los prejuicios que todavía surgen cuando una mujer está al frente de una banda de música.

Keywords: Banda de Música; Mujer directora; Cuestiones de género; Representación femenina.

INTRODUÇÃO

Existem diversos espaços de aprendizagem e formação musical, dentre eles podemos destacar as bandas de música como espaços não formais de educação musical e que contribuem significativamente para o ensino de música e na formação de instrumentistas em todo o território brasileiro. Além do papel de formação musical, as bandas de música apresentam também uma importância cultural e histórica para muitas cidades, pois são agrupamentos musicais que tradicionalmente participam de eventos populares, como procissões, cortejos, desfiles, entre outros. Segundo os dados da Fundação Nacional de Artes – FUNARTE (2023), há 3.100 bandas de música cadastradas no Brasil, porém, assim como aponta Kandler (2011, p.14), muitas bandas ainda não foram cadastradas. Podemos, portanto, considerar que este número, mesmo sendo expressivo, não reporta a totalidade de agrupamentos musicais em atividade. De acordo com Silva (2012), as bandas de música podem atuar em diversos contextos e dependendo destes, podem ser enquadradas em diferentes categorias (militar, civil, marcial, escolar, entre outras). As bandas de música presentes nos contextos escolares, por exemplo, são consideradas “bandas escolares ou estudantis”, pois se encontram vinculadas à alguma instituição de ensino e os seus integrantes pertencem a essa instituição (SILVA, 2012).

Tive o privilégio de começar meus estudos de saxofone numa dessas bandas escolares, num projeto chamado “Banda na Escola”, com aulas do instrumento de forma gratuita e com professores qualificados. Segui participando como instrumentista dessa e de outras bandas de música por aproximadamente 16 anos, e atribuo a essa experiência musical a opção em cursar Licenciatura em Música e, na sequência, a cursar o Mestrado em Música. Em ambos os cursos o foco das pesquisas que realizei foi direcionado para a banda de música, justamente por considerar que esse foi um local de extrema importância para a minha formação musical. Tanto no trabalho de conclusão de curso (TCC) (BIONI, 2021), quanto no desenvolvimento da pesquisa de mestrado (BIONI, 2023) busquei abordar o papel de mulheres em bandas de música. Ressalta-se que na revisão de literatura nos dois trabalhos apresentou poucos artigos disponibilizados com essa temática, o que indica uma baixa representatividade feminina nesses agrupamentos musicais, tal como abordado por Alves (2014); Kandler (2011) e Wentd (2013). Ainda, assim, quando encontrados textos sobre o tema, eram autores homens que abordavam a participação feminina, o que reforça dados já apresentados por Moreira (2013, p. 301) ou seja “a proporção de mulheres musicistas de banda escrevendo sobre bandas ainda é diminuta”. Além das bandas de música, participei e ainda participo como instrumentista de outros grupos musicais, como big band, orquestras, grupos de choro, com participações em festivais, oficinas e workshops. Em minha presença como instrumentista nestes grupos, sempre me chamou a atenção o fato de eu ser uma das poucas ou até, em alguns casos, a única mulher instrumentista a tocar saxofone (principalmente saxofone tenor).

Foi nesse contexto que a temática de mulheres instrumentista e/ou regentes em bandas de música se consolidou. Esse texto, portanto, busca em um primeiro momento, apresentar as regentes mulheres que se destacaram no cenário de bandas de música ao longo dos anos e que tiveram uma importância no cenário musical brasileiro e, ao mesmo tempo, dialogar com representantes de uma nova geração de mulheres regentes que iniciaram sua atuação pela docência e que no momento da pesquisa conduziam bandas de música no estado de Santa Catarina. Procuramos, assim, contribuir para descortinar os desafios enfrentados, no que tange a construção e a consolidação da carreira, por cinco regentes mulheres de bandas de música para se manterem na condução desses agrupamentos musicais. Ao relatar esses desafios também ficam evidenciadas as estratégias de sobrevivência, os enfrentamentos necessários e a superação das dificuldades que surgiram.

Mulheres Regentes

Quando vamos tratar de qualquer estudo relacionado à mulher, devemos saber que estamos tratando também de questões relacionadas ao gênero. A partir disso, podemos fazer o seguinte questionamento: Como podemos relacionar o conceito de gênero com mulheres regentes? Ao discutir sobre a ocupação de mulheres em cargos que em sua maioria são ocupados por homens estamos falando de gênero, do qual Scott (1989) entende como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21), onde o sexo influencia de alguma forma nas oportunidades profissionais (SCOTT, 1992, p. 70).

No campo da música, temos encontrado relatos de mulheres que assumiram a função de regentes, mas devemos saber que por muito tempo, conforme a literatura nos aponta, era impensável uma mulher ocupar essa posição. Sob o ponto de vista patriarcal, mulheres “comandando” outros músicos, e exercendo o papel de regentes, seria impensável, pois apenas homens poderiam exercer o comando. E foi o que ocorreu durante muitos séculos em diversas culturas, conforme descreve Botelho (2020). As mulheres tiveram que enfrentar muitos obstáculos e dificuldades para poder atuar como regentes. Assim descreve a autora:

O século 20 foi marcado pelo início da derrubada dos muros nesse campo profissional. Hoje, mesmo com muito ainda por fazer, as mulheres do final do século 20 e século 21 usufruem do trabalho percorrido por muitas pioneiras, conquistando o merecido espaço e respeito à frente de grandes orquestras (BOTELHO, 2020, p. 4).

Botelho cita como exemplo a maestra alemã Elke Mascha Blankenburg (1943-2013) que lutou pela igualdade de mulheres na música e que também foi uma das precursoras do feminismo musicológico alemão. A autora destaca muitos feitos de Elke, desde publicações importantes, arquivos, movimentos feministas, entre outros. Botelho (2020) ressalta ainda que as mulheres são regentes há mais tempo do que imaginamos, porém muitas delas foram apagadas da história, exatamente por serem mulheres. Freire e Portela (2013) também apontam essa questão da seguinte forma:

Cabe ressaltar que as poucas mulheres compositoras ou regentes sobre as quais encontramos informações eram, na maioria das vezes, “bem-nascidas”, mas reconhecemos que não dispomos de dados suficientes para delinear com mais precisão ou para generalizar essa condição (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 286).

Ao discorrer sobre as atividades desempenhadas por mulheres em teatros, Freire e Portela (2013, p. 290) fazem referências a escassez de registros sobre a participação de mulheres no

“exercício de funções como a de compositoras, maestrinas, ou até mesmo instrumentistas profissionais em teatros”. Existem, ao mesmo tempo, diferenças quando se pesquisa por nomes de cantoras e atrizes em relação a outras ocupações da música nos teatros. Neste caso “esse número se restringe ainda mais quando se trata de buscar mulheres musicistas, atuando profissionalmente como compositoras, instrumentistas ou regentes, no meio teatral” (2013, p. 292). As autoras citam Cinira Polônio (1957-1938), que era “cantora, compositora e maestrina, tocava harpa e piano”, que além de “inteligente e avançada para a época”, “rebelou-se contra os papéis que a sociedade tentava impor” (2013, p. 292). Porém, além de ser um destaque para sua época, Cinira “não é citada na literatura especializada da área de música” (2013, p. 292), isso reforça ainda mais que, as mulheres, por mais que se destacassem profissionalmente, não eram reconhecidas e, portanto, invisibilizadas. Outra figura conhecida no contexto musical brasileiro é Francisca Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, destacando a sua atuação nos teatros no final do século XIX. E que de igual forma, também era uma defensora dos direitos das mulheres. Chiquinha Gonzaga, em 1885 “se tornou a primeira mulher a dirigir uma orquestra no Brasil, tendo regido os músicos do teatro e a banda militar, assim como um concerto de cem violões”. (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 293). No excerto da obra destaca-se o registro de uma mulher regendo uma banda militar, sendo esta a categoria de banda que mais tarde passaria a servir como inspiração para as diversas formações de bandas de música, já mencionadas anteriormente por Silva (2012). Mesmo assim, ainda são encontrados poucos registros sobre a participação de mulheres em funções de regentes nos séculos passados. Isso as autoras deixam bastante evidente da seguinte forma:

A carência de registros significativos de nomes de mulheres ligados ao teatro, atuando como instrumentistas, compositoras ou regentes parece revelar a raridade dessa atuação de mulheres no meio teatral, ou talvez pouco valor dado a elas, nem sempre consideradas merecedoras de referências na literatura (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 294).

As autoras destacam também na função de dirigente, Dinorah de Carvalho, que na década de 1930, dirigiu, “a Orquestra Feminina de São Paulo (primeira orquestra no gênero, na América Latina), sendo, assim, a primeira mulher a dirigir uma orquestra desse tipo no Brasil” (2013, p. 294). Uma particularidade entre as figuras femininas aqui apresentadas, é que em algum momento de suas vidas, precisaram se dedicar ao magistério de piano, sendo esta função apontada como “uma importante porta de entrada para o trabalho feminino” (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 294), e que era mais aceitável para uma mulher da época do que as outras funções já apresentadas. Por outro lado, atividades tais como musicistas, compositoras, regentes, eram vistas com desprezo, diferentes do ensino de música, que era uma função de atuação no âmbito doméstico.

Neste sentido, Moreira (2013) dedica um capítulo de sua tese à discussão sobre mulheres na regência. Aponta que a formação musical em cursos livres, técnicos e universitários tem de certa forma “favorecido em muitos casos uma qualificação satisfatória”, permitindo assim que mulheres ocupem “postos de regência não só nas suas filarmônicas (ou outras filarmônicas ou ainda bandas de música), como em orquestras e bandas sinfônicas no mundo” (2013, p.149). O autor cita diversas mulheres regentes e maestrinas que atuam tanto no Brasil, como em muitos outros países, mostrando que há mulheres ocupando cargos de regentes e maestrinas em importantes orquestras e bandas.

Vale ressaltar que com todo o avanço tecnológico e a criação de conteúdos digitais, o acesso a informações específicas foi facilitado e “pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis por um simples toque de computador” (LOURO, 2008, p.19). Podemos encontrar também algumas entrevistas com regentes mulheres em plataformas de compartilhamento de vídeos como o YouTube. Em pesquisas nessa plataforma encontramos, por exemplo, entrevistas com mulheres regentes, tais como a realizada pela Tv Carta em 2015 com a regente de orquestra Simone Menezes e que aborda aspectos da sua profissão. A regente mencionou, por exemplo, o sistema de provas utilizado nos processos para seleção de músicos em orquestras. Nele, o músico toca atrás de um biombo, fazendo com que o júri avaliasse apenas a qualidade musical apresentada. Como aponta Menezes na entrevista, esse sistema fez com que o número de mulheres instrumentistas crescesse nas orquestras, porém, ressaltou que “para a regência, esse tipo de sistema não existe”. Assim, destaca que “a regência ainda acaba sendo um dos lugares na música em que a regente pode sofrer algum tipo de restrição pelo fato de ser mulher”. A regente também abordou um tema recorrente nas questões de gênero, ou seja, falou do assédio moral que sofria por atuar como regente, muitas vezes caracterizado por comentários do tipo: “ela é bonita, né?! E rege bem.”

Mesmo sendo a representação feminina na música e na regência uma temática pouco abordada em comparação a outras, percebe-se um movimento de ascensão junto a fóruns de discussão. A Oficina de Música de Curitiba, na sua 40ª edição, trouxe a representação feminina na música em dois momentos: uma mesa redonda sobre “Mulheres na Regência no Brasil” no dia 28 de janeiro de 2023³, e que teve sua mediação realizada pela maestra Natália Laranjeira, contando com a presença à mesa importantes representações femininas, como as maestras Mara Campos, Priscila Bomfim, Renata Jaffé e Silmara Drezza. E outra mesa, intitulada “Desconstruindo o Mito do Maestro”, com a apresentação do tema e mediação da mesa por Ingrid Stein Fernández. Na

³ Participei da mesa redonda sobre “Mulheres na Regência no Brasil”, e os apontamentos feitos pelas regentes foram sintetizados por mim e incluídos no texto.

primeira mesa Mulheres na Regência no Brasil, as regentes apresentaram seus percursos formativos e argumentaram sobre a consolidação de suas carreiras. Nesse aspecto, as regentes comentam que hoje em dia se tem muito mais abertura e mais facilidades para a realização de cursos e formações, tanto na regência como em outras áreas da música. As regentes relataram também que na época em que fizeram seus cursos de formação musical, aproximadamente uns 30 anos atrás, essa formação inexistia no Brasil e, portanto, algumas tiveram que buscá-la em cursos no exterior. Além disso, ressaltaram a importância em ter referências, ou seja, “alguém para se espelhar” e, principalmente, o apoio familiar quando se precisa cumprir com compromisso assumidos por conta da função de regência. Abordaram, também, a relação da maternidade com a profissão, e as dificuldades presentes para seguir na carreira ou ter oportunidades profissionais nesse momento importante da vida. Uma das regentes, citou, inclusive, a falta de espaços musicais onde mulheres se sintam representadas, acolhidas, entendidas, e como essa ausência pode se refletir na permanência ou não dessas mulheres nesses espaços. As regentes ainda apontaram que já é possível perceber muitas mudanças em relação a ocupação de mulheres, tanto como instrumentistas e como regentes, chegando em alguns casos a uma ocupação de 50% de mulheres em orquestras e outros grupos musicais, sendo este, segundo elas, o principal objetivo. Ou seja, na medida em que mulheres ocupam os espaços como instrumentistas, podem também se preparar para alcançar outras funções, para além da execução instrumental. Outra questão abordada na mesa de discussão foi a associação da presença feminina à área pedagógica, ao ensino. Para elas, quando o papel da mulher ultrapassa o limite educacional é visto com “estranhamento”. Trouxeram também a questão da competitividade dentro da profissão, e destacaram a importância em ter uma relação respeitosa com os colegas de profissão e o apoio entre si. Ao abordarem a competitividade, uma questão trazida foi o fato de que as mulheres para assumirem cargos de regência em importantes orquestras, coros, grupos musicais precisam, ainda, ter uma postura mais rígida, brava, impositiva, pois aquela postura maternal, acolhedora, aos olhos de alguns, não serviria para comandar algo tão importante. Para todas essas questões abordadas pelas regentes, elas apontaram a importância em dialogar sobre mulheres na regência, muitas e muitas vezes, de formas diferentes, mas que independente das formas, é necessário falar sobre essa questão. Por fim, destacaram a importância em participar de simpósios e rodas de conversa sobre a temática, sistematizando os objetivos e metas.

Na segunda mesa redonda, “Desconstruindo o Mito do Maestro”, além da mediação de Ingrid Stein Fernández estavam participando a maestra Mara Campos e outros maestros convidados para discutirem questões relacionadas ao trabalho na música de concerto. Outros temas se fizeram presentes, entre eles questões de assédios, resultantes de relações abusivas neste meio

profissional. Vale mencionar que na mesma oficina foi oferecido um curso na categoria de MPB sobre “Mulheres na Música Brasileira: Repensando uma História, Construindo Propostas”, ministrado por Bia Stutz, e que trazia como ementa uma introdução aos estudos de gênero, refletindo sobre a participação das mulheres e suas narrativas na música brasileira (OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA, 2023).

Outro exemplo de que a discussão tem estado cada vez mais presente em eventos e em produções artísticas é o filme “Antônia: Uma Sinfonia”, lançado em 2018, produção cinematográfica da diretora e roteirista Maria Peters. Baseado na vida de Antonia Brico, uma holandesa nascida em 1902, que foi uma das primeiras regentes a obter reconhecimento nessa profissão, sendo assim uma mulher pioneira na regência orquestral. Sobre Antonia Brico, pode-se encontrar também *Antonia: A Portrait of the Woman*, um documentário de 1974, que conta um pouco sobre a vida dela, sobre a questão do preconceito de gênero que a maestrina sofreu e a sua luta contra ele. Nesse documentário, Antonia relata que ao compartilhar seu desejo de se tornar maestrina, teve como resposta que isso seria impossível, e que ela nunca teria essa oportunidade. Conta que em vários momentos de sua carreira, principalmente no início, precisou provar que era capaz de estar à frente de uma orquestra e reger, pois muitos duvidavam de sua capacidade, pelo simples fato de ser uma mulher.

Devido ao crescimento da ocupação de mulheres nos cargos de regentes, da discussão sobre e a ascensão da carreira por mulheres, formaram-se também movimentos de mulheres regentes, com o intuito de se dar cada vez mais visibilidade a seus feitos. Dentre eles, podemos destacar o movimento “Mulheres Regentes”, que em 2016, por iniciativa de importantes maestras brasileiras, foi formado “com a finalidade de criar um espaço permanente de reflexão sobre a atuação das mulheres na música, assim como promover e implementar mecanismos para eliminar discriminações e injustiças históricas” (CONCERTO, 2021). Assim, em 2021, foi lançado um manifesto que, decorrente das discussões geradas durante o III Simpósio Internacional de Mulheres Regentes em formato virtual que ocorreu em 2020, “diagnosticou-se uma profunda desigualdade entre a quantidade de homens, mulheres e diversidades que ocupam postos de direção de organismos musicais, assim como em suas programações artísticas”. O manifesto reivindicava as seguintes questões:

1. Reivindicamos o acesso a espaços e postos historicamente negados às mulheres na música, particularmente às regentes e às compositoras;
2. Denunciamos a invisibilização do trabalho das mulheres na música, particularmente das regentes e das compositoras;
3. Rechaçamos qualquer ação discriminatória e, sobretudo, repudiamos toda e qualquer forma de assédio;

4. Instamos que sejam estabelecidas legislações que contemplem as demandas de valorização, proteção e isonomia, promovendo igualdade de oportunidades e condições de trabalho para as mulheres regentes, assim como para todas as demais profissionais na música;
5. Solicitamos que sejam implementadas políticas que garantam a educação e o desenvolvimento musical de meninas e jovens (CONCERTO, 2021).

Finalizando a discussão sobre mulheres regentes, mesmo que podendo apontar grandes regentes que foram importantes para a história da luta e conquista das mulheres nessa profissão, ainda vemos na atualidade pouca representação em relação aos homens. Assim, como destacam Freire e Portela (2013), que na edição de 2013 do XX Bienal da Música Brasileira Contemporânea, “nenhum nome de mulher figurou entre os nomes dos sete regentes do corpo de jurados que também votaram” e que “observa-se, assim, mais uma vez, que silenciosamente, concepções e práticas do passado deixam seus vestígios na atualidade, o que indica, também, a importância de revisitarmos nossa própria história” (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 300).

METODOLOGIA

A pesquisa é um recorte de uma dissertação de mestrado, orientada pelos princípios metodológicos da abordagem qualitativa. Neste tipo de abordagem, o pesquisador é, ele próprio, o instrumento de “observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados” (GODOY, 1995, p. 62). Assim, a escolha por essa abordagem se deu pelo fato dela permitir que a pesquisadora explorasse o contexto das bandas de música, em especial o papel que a banda representa para mulheres regentes e as muitas relações que se estabelecem entre os membros do grupo e a comunidade que o cerca. Desta forma, a pesquisa qualitativa está preocupada em compreender o fenômeno, a partir da perspectiva de seus participantes. Em relação ao método, foi escolhido o estudo de caso, por “proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real” (GODOY, 1995, p. 25).

Para a coleta de dados, foi utilizado primeiramente um questionário de sondagem, disparado por e-mail para possíveis participantes, de uma nominata organizada por indicação de outras(os) regentes, no sistema bola de neve, um(a) indicando a outra. Os critérios para a seleção das participantes foram: a) mulheres na condição de regentes em bandas de música e, b) atuar dentro do estado de Santa Catarina.

Na sequência, a partir da confirmação de cinco regentes que se disponibilizaram a conceder a entrevista, a mesma foi realizada, de forma on-line, via plataforma de videoconferência Zoom

Cloud Meetings. As questões foram organizadas no formato semiestruturado e, a partir da sua transcrição, foram analisadas, utilizando-se a análise de conteúdo, que pode ser entendida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

As regentes foram identificadas por uma letra do alfabeto, de A a E, para assim manter o sigilo, privacidade e o anonimato das participantes. Com relação as formações musicais, todas elas possuem Graduação em Música, sendo que uma delas além da licenciatura, possui também bacharelado em trombone. Todas possuem pós-graduação em nível de especialização ou curso de formação em regência. Sobre o tempo de atuação das regentes no contexto de banda de música, a que possui menor tempo na função atua desde 2015, ou seja, 8 anos de atuação, a regente mais experiente atua há pelo menos 15 anos.

“Às vezes saber reger é o de menos”: desafios para construir a carreira

Como já descrito anteriormente, foi feita uma busca por mulheres regentes no estado de Santa Catarina. A partir dos resultados dessa sondagem inicial, foi possível observar uma baixa representação de mulheres ocupando esses cargos, assim como apontado por Botelho (2020); Moreira (2013); Freire e Portela (2013). A fim de discutir sobre a baixa representação de mulheres atuando como regentes em bandas de música, indagamos sobre quais seriam os fatores que influenciam no número reduzido de regentes mulheres, considerando as próprias experiências das participantes da pesquisa.

A regente A trouxe o contexto em que ela está inserida, que é dentro de um programa de bandas⁴. Ela percebe que “falta mais ousadia das mulheres, tem poucas, se for contar, acho que tem uma meia dúzia no máximo”, se referindo que sendo um programa, com admissão por concurso público, poucas mulheres se interessaram pelo cargo. Essa questão da falta de ousadia comentada pela regente, pode ser relacionada a falta de espaço onde as mulheres se sintam confortáveis e acolhidas para atuar. Além disso, a regente relaciona a sua profissão com um perfil de liderança, o que segundo ela, precisa ser trabalhado com mais ênfase por parte das mulheres. Pondera, também, que a falta de ousadia e liderança possa estar relacionada a uma falta da

⁴ Programa de Bandas e Fanfarras.

compreensão do perfil necessário para esse cargo, ou seja, do que se precisa para ser regente, o que não seria uma exclusividade das mulheres.

Regente A - Eu sei que é difícil assim, talvez de todas elas, talvez parte delas entenda que elas já sofreram algum preconceito de gênero, que é o meu caso, talvez parte delas nunca tenha percebido isso né, do que é estar à frente ou de saber que fulano acha que não tem competência ou coisa assim[...], mas eu acho que falta mais ousadia daqui, sabe, e tem gente que realmente não quer, né. Eu tinha uma colega de trabalho que era minha auxiliar, eu sou flautista e ela também, mas ela disse “não, eu não tenho perfil pra isso”. Às vezes também pode ser isso sabe, ter o perfil da liderança, eu acho que isso também conta bastante sabe, liderança, ousadia, talvez sejam algumas palavras chaves pra isso tudo (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente relata outro fato que tem vivido recentemente, após sua efetivação como professora no Programa de Bandas e Fanfarras, e se emociona ao comentar:

Regente A - A gente passa muito por questões de preconceito de gênero, isso eu falo com muita propriedade, para mim esse ano foi muito difícil, porque eu passei por isso esse ano. [...] Os meus colegas professores homens, eu diria que saíram me difamando, infelizmente, eu fiquei sabendo, não confrontei, ainda, mas disseram que eu não era competente. Muito pelo contrário, eu me vejo sendo competente naquilo que eu faço, me magoa, isso é uma coisa que me deixou bastante chateada, mas eu acho que falta muita ousadia, das mulheres, e enfrentar isso tudo (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A fala da regente A apresenta uma proximidade com as análises de Louro (2008) sobre a questão de gênero, pois colegas homens colocaram em discussão a sua capacidade e/ou competência como mulher ao assumir um cargo específico de liderança. Outra questão que reflete o sentimento comum de opressão proporcionado pelo modelo de patriarcado a que foi submetida foi o seu silenciamento diante de uma situação de preconceito e opressão. Nesse caso específico, a regente comenta que teve apoio de sua coordenadora para conseguir enfrentar a situação, mas declarou que ainda não conseguiu ter forças para enfrentar ou confrontar diretamente quem lhe difamou.

A regente B, acredita que a baixa representação está relacionada a uma questão mais histórica, onde:

Regente B - Ao analisarmos historicamente, o poder da palavra e da razão sempre foi masculina. Isso faz parte do contexto histórico mundial, inclusive bíblico, antigamente era mais forte, a mulher não poderia tomar uma decisão sem conversar com o varão. A igreja evangélica trata muito disso, então, com isso também trouxe bastante dificuldades para uma mulher que está à frente de uma banda, de uma orquestra, de um coro, porque para o homem é insulto ele ser comandado por uma mulher. Então, toda essa dificuldade já vem de longos anos atrás, diria séculos. E hoje, acredita-se, pensando em Brasil, porque o Brasil ele está mais maleável em relação ainda a Europa, Estados Unidos, a representatividade feminina ela está aparecendo mais. Claro! Não como deveria ser, mas as coisas, elas estão tendo resultados, e o cenário está mudando (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A participante da pesquisa cita algumas regentes brasileiras e regentes estrangeiras que estão vindo ao Brasil para regerem orquestras. Comenta que na cidade Y, onde reside, “tem 40 corporações, mais ou menos, e de mulheres, professoras e regentes, quase a metade”. Acredita que isso se deve ao fato de que, para ingressarem como regentes nessas instituições, é necessário fazer um processo seletivo, que de certa forma oportuniza o ingresso de cada vez mais mulheres nas bandas de música. E a partir do momento que são criadas essas oportunidades, mais mulheres podem atuar como regentes, e aí sim podemos ter uma mudança mais efetiva no cenário musical e na representação de mulheres nesses espaços.

Mas, assim como a regente A, a regente B também acredita que nem sempre são todas as mulheres que querem realmente ser regentes, muitas delas optam apenas por serem professoras de naipe. Assim, ela destaca que as que querem ser regentes, precisam buscar isso, buscar formações e estar presente nesse meio musical.

Regente B - Eu acredito, pensando na nossa realidade, que as oportunidades estão mais de portas abertas. Quando eu iniciei o curso de regência no Paraná, eu era a única menina da classe, então, eu acho que as mulheres também precisam buscar mais isso. E a questão do apadrinhamento também, a gente sabe que quando a gente está no meio, se a gente não está inserido no grupo de regentes, a gente não busca formações, nós não conhecemos pessoas, as pessoas também não vão conhecer o nosso trabalho. E é aquele ditado, “quem não é visto, não é lembrado”! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

Ela ainda identifica que existe sim um certo preconceito em relação a participação das mulheres como regentes, principalmente em grandes orquestras, mais do que no caso dela, que trabalha com bandas escolares, formada por crianças, não percebe esse preconceito. Destaca contudo, que são as mulheres que precisam correr atrás das oportunidades. Nesse sentido, se tivessem mais espaços acolhedores, no qual elas fossem respeitadas e convidadas a reger, haveria mais mulheres ocupando cargos como regentes de bandas, ou de qualquer outro espaço musical.

A regente C comenta sobre as exigências necessárias para ser regente. Ressalta que é preciso se dedicar muito, ter conhecimento para além do seu instrumento. E por isso, “são poucos os músicos que sentem à vontade ou a necessidade de ir para o mundo da regência”. Ela percebe o meio musical profissional ainda como sendo muito masculino, que além da regência, fica bastante evidente isso quando se toca trompete, que é o seu instrumento de trabalho. Com isso, ela relaciona a baixa representação de mulheres regentes nas bandas de música com a baixa representação de mulheres instrumentistas em bandas de música, isso porque, seria preciso “conhecer todos os instrumentos que tu vais reger”. Ou seja, a regente acredita que o fato de se ter poucas mulheres

regendo se deve ao fato de se ter poucas mulheres trabalhando profissionalmente como instrumentistas.

Regente C - Um regente na verdade ele toca algum instrumento, ele veio de algum instrumento antes de partir para a regência, mas de qualquer forma, e de todo jeito, eu acho que a partir do momento que tu toma um lugar de destaque, que é a regência de um grupo, tu é muito cobrado. Eu vejo, eu sinto que por ser mulher eu sou mais cobrada ainda, eu tenho que mostrar assim, que eu estou preparada e isso é provado, tirado a prova principalmente dos homens ali que gostariam de estar no meu lugar! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

A regente traz a sua própria experiência profissional em um programa de musicalização instrumental de bandas e fanfarras como referência, onde trabalhou praticamente apenas com homens, considerando como algo natural desse meio, natural das bandas de música, onde a participação é majoritariamente masculina. A regente aborda uma outra questão que também dificulta as mulheres assumirem a regência, pelo fato de a sociedade ter atribuído um papel à mulher, papel esse de exercer funções domésticas, assim com discutido por Green (2001), quando a autora afirma que na música há também uma relação de poder e atribuições de papéis marcadas pelo gênero. Assim, a regente C argumenta que as mulheres ainda teriam as funções domésticas para dar conta, ou seja, ao assumir a regência, as atribuições relativas ao cargo estariam em conflito ao que grande parte da sociedade e, particularmente, muitos homens ainda esperam de uma mulher, pois se precisaria “ter mais versatilidade de horário, de tempo, precisa se dedicar”. Nesse sentido, podemos questionar até onde a mulher pode sacrificar a sua vida pessoal para ocupar esses lugares. Afinal, uma mulher não deveria ter que sacrificar sua vida pessoal para poder ocupar espaços que homens já ocupam sem precisarem sacrificar nada, sem julgamento, sem precisar provar nada.

Ainda tratando da representação de mulheres em bandas de música, a regente D comenta que não sabe explicar ao certo qual é o motivo da baixa representação feminina na profissão da regência, mas, assim como a regente C, percebe que a regência ainda é um meio profissional com uma presença maioritariamente masculina.

Regente D – A mulher realmente ainda não chegou a se igualar com o homem ali, não por falta de capacidade. Nós temos a mesma capacidade que os homens, mas, realmente, eu nunca tive uma regente mulher na minha vida, sempre homens. (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente D nos relatou que teve apenas uma única professora regente, quando cursou a pós-graduação. Ela reconhece que as mulheres são muitos capazes, mas que ainda existe essa resistência de “mulheres no comando”, mas que esse cenário está mudando aos poucos, já que “começou a aparecer várias mulheres capacitadas para isso”.

A regente E afirma que na cidade Y, tem mais mulheres do que homens regendo. Aponta que isso é uma consequência dos concursos públicos, que oportunizam mulheres a ingressarem como regentes em bandas escolares, como já mencionado por outras regentes. Contudo, ela menciona o fato de que em bandas que não são escolares, o processo de ingresso como regente é diferente, “não tem prova, é um negócio passado. Depende da pessoa querer passar”. E como muitas dessas bandas tem integrantes mais velhos, assim como apontado pela regente, as vezes, a aceitação não é tão boa para uma regente mulher. Para elucidar essa colocação, a regente E dá o exemplo da banda em que ela toca, que usufrui do espaço disponibilizado para ensaios pertencente a uma congregação religiosa, “antigamente, até a década de 80 a própria igreja não deixava tocar, não podia”. Mas com o passar do tempo, a banda foi se atualizando, e esses integrantes que não concordavam em tocar com mulheres, foram saindo da banda. Com isso, abriram-se novas possibilidades de atuação para as mulheres que foram assumindo tanto a prática musical como a regência. A regente E também aponta as várias demandas da atuação da profissão de regente de banda e os horários diferenciados de trabalho como fatores que são obstáculos para as mulheres assumirem a regência de um grupo.

Regente E - A maioria das bandas hoje, projetos, de escola é menina, a maioria. Então, como é que você vai chegar ali na regência também que é um negócio que às vezes você tem que ficar viajando, por exemplo, ontem teve encerramento ali, fiquei meio que o dia inteiro em função disso, troquei o dia da escola pra isso, e cheguei em casa também, era dez e pouco da noite. É tudo em cima de ti, uma responsabilidade, é questão de tempo, fora a questão ali de estudo disso. Ai muitas acabam ou largado ou ficando tipo na questão da escola, uma coisa mais que não tem nada a ver com saber reger. [...] E outras coisas. Às vezes saber reger é o de menos, tem um monte de outras coisas que influenciam, ai no final falta isso sabe. A maioria das bandas aqui é menina e acaba que tipo podiam ser regentes, acabam esbarrando nessas coisas, sabe! Fator externo, que não tem tanto, às vezes até a própria pessoa se sentiu culpada que nem eu falei, de estar fora de casa o tempo todo. Isso impede a gente de chegar e, ainda mais chegar num posto mais alto, sabe, exige muito mais disso (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

Com todas essas demandas excessivas, a própria regente comenta que não tem namorado e nem filho, pois não teria tempo para se dedicar a um relacionamento nem para cuidar de um filho, ou teria que abdicar do cargo de regente, já que mesmo não tendo as vezes fica exausta. Assim, resumindo, entre os fatores que estão relacionados com a baixa representação de mulheres em bandas de música, segundo as regentes, estão: falta de ousadia; não possuir um perfil de liderança, que é característico de um regente segundo a regente A; poucas mulheres instrumentistas atuando em bandas de música, que poderiam futuramente se tornar regentes; conflito entre a profissão de regente, que exige grandes demandas, com o papel social atribuído à mulher; escolha de um regente através de um processo informal de sucessão. Mas, apesar de todos esses fatores

que seriam considerados obstáculos para mais mulheres estarem no comando e regendo bandas, há fatores que possibilitam que mais mulheres possam atuar na profissão, tais como, o ingresso em instituições através de processos seletivos ou concursos públicos.

REFLEXÕES FINAIS

Este recorte de pesquisa teve como objetivo apresentar o que pensam cinco mulheres que atuam como regentes em bandas de música sobre a representação da mulher na regência nesses agrupamentos musicais e discutir os desafios e possibilidades de atuação.

No momento inicial da busca por mulheres regentes para participar da pesquisa, muitas das pessoas que as indicavam, concordaram que há uma escassez de mulheres atuando na área. Por isso, não foi fácil encontrar essas mulheres. Durante a busca, muitas vezes, as mesmas regentes foram indicadas por mais de uma pessoa. Isso não significa que não há mais regentes mulheres, mas que talvez elas não sejam reconhecidas como tal ou, ainda têm seus trabalhos pouco divulgados.

Sobre as mulheres na regência, foi possível observar historicamente e culturalmente que ainda é uma profissão majoritariamente masculina, e para que uma mulher possa ocupar esse cargo em bandas de música, existem obstáculos que precisam ser enfrentados. Entre eles, a falta de uma rede de apoio, seja da família que precisa assumir uma parte das tarefas domésticas para que elas possam desempenhar a contento sua profissão sem sacrifícios pessoais, seja pela dimensão do trabalho, dos horários estendidos para acompanhar e reger seu grupo, ou ainda da área de prática musical que precisa preparar e instrumentalizar essas profissionais, oferecendo formações específicas. Torna-se uma profissional na área da regência leva tempo e investimento pessoal, como foi possível observar pela titulação apresentada pelas participantes da pesquisa.

Nota-se que as próprias regentes mencionam que as questões de gênero estão bastante relacionadas com essa baixa representação de mulheres na regência. Uma das ações mais imediatas, que podem contribuir para reverter a pouca representação delas na regência das bandas é trazer para debate o papel da mulher e a carreira de regência nesses espaços, sob o olhar de profissionais de renome nacional e internacional tal, como foi realizado pelos eventos mencionados.

Percebe-se pelo recorte da pesquisa que quando se trata do ingresso de mulheres em bandas através de processos seletivos, o número é maior em relação a bandas onde a escolha dos regentes é feita por indicação. Apesar de não termos encontrado outras pesquisas com essa abordagem, percebe-se que o tema tem sido discutido com muito mais frequência em simpósios, oficinas, fóruns e pesquisas acadêmicas. Divulgar esses eventos, podem contribuir para fortalecer novas

candidatas a ocuparem o cargo de regente em banda de música, o que não se pode concordar é que em tempos atuais com tanto avanço em termos de educação não tenhamos a ousadia de dizer e lutar pelos desejos e de quebras de estereótipos que mulheres regentes de outros países já conquistaram.

Como bem colocado no manifesto apresentado pelo Concerto (2021), é nosso dever reivindicar espaços que historicamente foram negados às mulheres, recriminar toda e qualquer forma de assédio, promover igualdade de oportunidades e implementar políticas que garantam a educação e o desenvolvimento musical de meninas e jovens. Essa parece ser a luta que todas nós devemos abraçar.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) no período de março à agosto de 2022, e com o apoio do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU) no período de setembro de 2022 à outubro de 2023.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edson Abílio. **Projeto Banda Escola da Sociedade Musical Filarmônica Comercial**: uma experiência no ensino coletivo de instrumentos musicais. 2014. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000003/000003cd.pdf>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Título original: L'Analyse de Contenu, Presses Universitaires de France, 1977. Tradução: Luís A. R. e Augusto P. Portugal: Lisboa Edições 70, 1977. 225 p.

BIONI, Bianca Guerra. **A trajetória de mulheres regentes em bandas de música de Santa Catarina**. 2023. 116 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Mestrado em Música, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000c2/0000c2d8.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BIONI, Bianca Guerra. **Tocando na banda da sociedade musical filarmônica comercial**: narrativas de duas musicistas. 2021. 58 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Curso de Música, Florianópolis, 2021. Disponível em:

<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a2bf.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2021.

BOTELHO, Andréa Huguenin. **Mascha Blankenburg e as mulheres na regência**. Recensão do livro *Dirigentinnen im 20. Jahrhundert: Porträts von Marin Alsop bis Simone Young*, 2020. 11 f. NovaFCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Portugal, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44703097/MASCHA_BLANKENBURG_E_AS_MULHERES_NA_REG%C3%AANCIA.

CONCERTO. Simpósio Mulheres Regentes lança manifesto contra a discriminação no meio musical. **Revista Concerto**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.concerto.com.br/noticias/musica-classica/simposio-mulheres-regentes-lanca-manifesto-contra-discriminacao-no-meio>.

FREIRE, Vanda Lima Bellard; PORTELA, Angêla Celis Henriques. Mulheres Compositoras – da invisibilidade à projeção internacional. In: FONSECA, S. C.; NOGUEIRA, I. P. Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas. Goiânia/Porto Alegre: **ANPPOM**, Pesquisa em Música no Brasil, Goiânia/ Porto Alegre, v.3, p. 279-302, 2013. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/view/3/4/24-1>.

FUNARTE – Fundação Nacional de Artes. **Projeto Bandas de Música**. Rio de Janeiro, RJ: FUNARTE, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/musica-2/projeto-bandas-de-musica>.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, mar/abr. 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai/jun. 1995.

GREEN, Lucy. **Musica, género y educacion**. Título original: *Music, Gender and Education*, Cambridge University Press, 1997. Tradução: Pablo M. 1ª ed. Espanha: Ediciones Morata, 2001. 264 p.

KANDLER, Maira Ana. **Bandas musicais do meio oeste catarinense: características e processos de musicalização**. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a75.pdf>.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 17–23, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>.

MOREIRA, Marcos dos S. **Mulheres em bandas de música no nordeste do Brasil e no norte de Portugal**. 2013. 443 p. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BIONI, Bianca Guerra; Schambeck; Regina Finck.

40ª Oficina de música de Curitiba, 2023. Disponível em:

<https://oficinademusica.curitiba.pr.gov.br/> .

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. Título original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história – Novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992. 354 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4468957/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20Joan%20Scott.pdf.

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda Marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino-aprendizagem musical. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6595>.

TV CARTA. **Regente Simone Menezes e as conquistas das mulheres na música erudita**.

TV CARTA, 2015. 1 vídeo (02:39min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=98EIHhDY5I4>.

WENDT, João Almir. **Banda de Música de Santo Amaro**: um estudo sobre os processos de formação de novos músicos. 2013. 50 p. Trabalho de Especialização em Educação Musical, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2013.

Submetido em: 18 de nov de 2024.

Aprovado em: 05 de mar de 2024.

Publicado em: 30 de agos de 2024.